

O dengue e a febre amarela constituem desafios permanentes para a Saúde Pública e as ações para sua prevenção são motivo de intenso debate nos meios de comunicação e na literatura científica. A opinião de especialistas com vasta experiência no controle das duas doenças contribui para enriquecer as discussões – e instruir a comunidade que atua nos programas de controle – sobre os aspectos essenciais de sua transmissão e vulnerabilidade às intervenções atualmente preconizadas.

Com o objetivo de fortalecer o debate com os serviços de saúde, a *Epidemiologia e Serviços de Saúde* solicitou ao Dr. PEDRO LUIZ TAUIL, pesquisador da Universidade de Brasília – UnB – e assessor do Ministério da Saúde, com longa atuação nas áreas de vigilância, prevenção e controle das doenças endêmicas transmitidas por vetores, que nos concedesse esta entrevista. As perguntas forma formuladas por profissionais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS) atuantes nos programas de controle de dengue e febre amarela no país.

A situação do dengue no Brasil

Os atuais programas de controle do dengue recebem muitas críticas. Alguns até os consideram completamente ultrapassados. Qual é a avaliação que pode ser feita do programa brasileiro, o Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD)?

- **Dr. Pedro Tauil** - *O mosquito Aedes aegypti, no momento, é o único elo vulnerável da cadeia de transmissão do dengue. A redução da incidência da doença é alcançada pela redução da infestação do mosquito vetor. Não há tratamento etiológico e nem vacina profilática eficazes contra a doença. Esse vetor tem uma grande capacidade de adaptação às condições da maioria das cidades. Seu combate depende de múltiplos fatores, tanto dentro como principalmente fora do setor Saúde. Isso torna muito difícil seu controle. Não há no mundo programas de controle da dengue suficientemente efetivos. Singapura e Cuba, que, nesse sentido, chegaram a ser exemplos para o mundo, continuam tendo transmissão de dengue. Há necessidade de novas tecnologias e estratégias de combate ao mosquito. Enquanto não se dispõe dessas armas, é preciso que os governos e a sociedade trabalhem para reduzir os focos de proliferação dos vetores, envolvendo vários setores sociais, entre eles Educação, Saneamento, Habitação, Urbanismo e Comunicação.*

Tratando-se o dengue como uma doença que sofre influência de diversos fatores, desde aqueles ambientais até os socioeconômicos, quais seriam os principais desafios atuais para seu controle?

- **Dr. Pedro Tauil** - *Os maiores desafios são estes: oferecer condições de moradia e saneamento básico adequadas para a população vivendo em favelas, mocambos, invasões e cortiços (cerca de 20% da população de grandes e médias cidades); manter a população permanentemente mobilizada para contribuir na redução de criadouros de mosquitos vetores; manter inspeções domiciliares e peridomiciliares de boa qualidade; contratar pessoal em condições trabalhistas menos precárias, para estimular a permanência no trabalho e evitar o rodízio de mão-de-obra tão frequente e sujeito às flutuações políticas; reduzir a letalidade; e organizar os serviços de saúde de forma a ampliar o acesso e melhorar a qualidade de atenção aos pacientes.*

Em que setores ou áreas a comunidade científica pode colaborar para a prevenção e o controle do dengue? Na sua visão, isso tem acontecido?

- **Dr. Pedro Tauil** - *A comunidade científica pode colaborar na busca de uma vacina tetravalente eficaz e segura, na busca de tratamento etiológico eficaz, na descoberta de estratégias mais efetivas de combate*

ao Aedes aegypti, em medidas de informação, educação e comunicação mais eficazes para a mudança de comportamento da população, na busca de novos larvicidas – menos tóxicos e mais eficazes –, em medidas mais ambientalmente seguras de eliminação das formas aladas dos mosquitos, na identificação de deficiências nos programas de controle de dengue, na proposta de novas estratégias de controle e no aprimoramento da mensuração dos níveis de infestação pelo mosquito vetor.

A situação da febre amarela no Brasil

A febre amarela silvestre está sob controle no Brasil mas, ocasionalmente, ocorre um aumento no número de casos acima do esperado. Qual a razão desse comportamento?

- **Dr. Pedro Tauil** - *A febre amarela silvestre é uma zoonose e, portanto, impossível de ser erradicada. Como circula principalmente entre macacos, os quais morrem ou ficam imunes, é preciso que se acumulem macacos susceptíveis, isto é, macacos nascidos após a epizootia e depois de perderem os anticorpos maternos protetores. Isso ocorre em um intervalo de cinco a sete anos. Assim, volta a circular mais intensamente o vírus e os seres humanos, não imunizados, expondo-se em ambientes com circulação do vírus, podem adquirir a doença. A série temporal que se dispõe mostra que, a cada cinco ou sete anos, aumenta o número de casos em seres humanos; porém, os níveis estão cada vez menores, graças ao intenso programa de vacinação das pessoas que vivem ou que se dirigem para áreas de risco.*

Como se explicaria o surgimento de casos de febre amarela em vários locais, distantes uns dos outros, e em curto espaço de tempo, como ocorreu recentemente no Brasil?

- **Dr. Pedro Tauil** - *Todas as áreas afetadas estão dentro da área endêmica da doença. Os grandes desmatamentos e as grandes represas de usinas hidrelétricas estão restringindo as áreas de mata e adensando os macacos, facilitando a circulação dos vírus pelas picadas de mosquitos silvestres.*

O aquecimento global poderia provocar uma catástrofe amarílica no Brasil, nos anos futuros, como por exemplo, a reurbanização da febre amarela?

- **Dr. Pedro Tauil** - *O aquecimento global pode ampliar os limites sul e norte da circulação de mosquitos, tanto silvestres como urbanos, propiciando a ampliação da área endêmica do ciclo silvestre e aumentando, sim, o risco da reurbanização da doença.*

Perguntas

Giovanni Evelim Coelho

Programa Nacional de Controle da Dengue, Departamento de Vigilância Epidemiológica, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Brasília-DF, Brasil

Zouraide Guerra

Gerência Técnica de Febre Amarela, Departamento de Vigilância Epidemiológica, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Brasília-DF, Brasil

Edição

Elza Helena Krawiec

Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Brasília-DF, Brasil

Carlos Estêncio Freire Brasilino

Núcleo de Comunicação, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Brasília-DF, Brasil